

# O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA CONSIDERA AS PROBLEMÁTICAS DE SAÚDE LOCAIS? PERCEPÇÕES DOS ATORES ENVOLVIDOS COM O PROGRAMA EM URUGUAIANA/RS

DOES THE PLANNING OF ACTIONS FOR THE HEALTH AT SCHOOL PROGRAM CONSIDER LOCAL HEALTH ISSUES? PERCEPTIONS OF ACTORS INVOLVED WITH THE PROGRAM IN URUGUAIANA/RS

**Rita de Cassia de Souza**

Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Uruguaiiana, RS, Brasil.  
Mestra em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. E-mail: ritasouza.aluno@unipampa.edu.br  
<https://orcid.org/0009-0008-0889-1713>

**Simone Lara**

Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Uruguaiiana, RS, Brasil.  
Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. E-mail: slarafisio@yahoo.com.br  
<http://orcid.org/0000-0003-0745-4964>

**Marlise Grecco de Souza Silveira**

Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Uruguaiiana, RS, Brasil.  
Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. E-mail: marlisegreccos@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-4612-9128>

Submissão: 26-02-2024

Aceite: 30-10-2024

**RESUMO:** O objetivo do presente estudo foi investigar se o planejamento das ações do Programa Saúde na Escola leva em consideração as problemáticas de saúde locais, a partir da percepção dos atores envolvidos com o programa. Trata-se de um estudo de transversal, descritivo e qualitativo, no qual foram incluídos membros do grupo gestor, enfermeiros e professores atuantes no programa, no município de Uruguaiiana-RS. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, no qual foram gravadas para posterior transcrição e análise. As questões versaram em analisar se os atores conheciam as problemáticas de saúde locais, se o planejamento das ações propostas pelo Programa Saúde na Escola levava em consideração tais problemáticas, bem como aspectos positivos e negativos do programa. Para a análise das percepções dos sujeitos, foi utilizada a análise de



conteúdo. Como resultados, dentre as problemáticas locais encontradas em sua realidade, tanto professores, quanto enfermeiros destacam os problemas de saúde mental. Ainda, todos os enfermeiros e membros do grupo gestor, bem como a maioria dos professores relatou que as ações propostas pelo Programa Saúde na Escola levam em consideração essas problemáticas de saúde locais. Contudo, destacam algumas barreiras acerca dessas questões, como a forma de abordagem de alguns temas, a dificuldade de o programa contemplar todas as problemáticas de saúde da comunidade, devido à complexidade da realidade local, e a falta de comunicação e divulgação das ações entre a Estratégia de Saúde da Família e a escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Programa Saúde na Escola. Educação. Saúde escolar.

**ABSTRACT:** The aim of the present study was to investigate whether the planning of the School Health Program's actions takes into account local health problems, based on the perception of the actors involved with the program. This is a cross-sectional, descriptive and qualitative study, which included members of the management group, nurses and teachers working in the program, in the municipality of Uruguai-RS. Data collection was carried out through semi-structured interviews, which were recorded for later transcription and analysis. The questions focused on analyzing whether the actors were aware of local health issues, whether the planning of actions proposed by the School Health Program took such issues into account, as well as positive and negative aspects of the program. To analyze the subjects' perceptions, content analysis was used. As a result, among the local problems found in their reality, both teachers and nurses highlight mental health problems. It is worth noting that all nurses and members of the management group, as well as the majority of teachers reported that the actions proposed by the School Health Program take these local health problems into account. However, they highlight some barriers regarding these issues, such as the way of approaching some themes, the difficulty of the program covering all the community's health problems, due to the complexity of the local reality, and the lack of communication and dissemination of actions between the Strategy of Family Health and the school.

**KEYWORDS:** School Health Program. Education. School health.

## Introdução

A promoção da saúde vem se desenvolvendo de forma mais vigorosa nos últimos 30 anos, especialmente a partir da divulgação da Carta de Ottawa em 1986, que norteou a elaboração e a implementação de políticas públicas no contexto brasileiro e em diversos países (Buss *et al.*, 2020). Logo, a promoção da saúde vem sendo compreendida como uma estratégia para o enfrentamento de problemas de saúde que afetam as populações, partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, articulando saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, a favor da qualidade de vida (Buss *et al.*, 2020).

De acordo com Malta *et al.* (2018), ao se pensar a promoção da saúde enquanto um modo de redirecionar as políticas públicas vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), é criada e implementada a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS). A PNPS tem como objetivo

a promoção da qualidade de vida e a redução de vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados com os seus determinantes e condicionantes, incluindo os modos de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais (Malta *et al.*, 2018).

Nesta perspectiva, em 2007 foi criado o Programa Saúde na Escola (PSE), enquanto política intersetorial que articula a saúde e a educação, representadas por meio de uma parceria entre escolas públicas e Unidades Básicas de Saúde e, tem como campo para promoção da saúde o espaço escolar (Lopes; Nogueira; Rocha, 2018; Vieira; Belisário, 2018). O PSE tende a atender aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), incluindo a integralidade, a equidade, a universalidade, a descentralização e a participação social (Carvalho, 2015).

Nesse contexto, a adesão dos municípios ao programa acontece a partir da assinatura do termo de compromisso entre as secretarias municipais de saúde e de educação, determinando as responsabilidades do programa para cada setor envolvido (Brasil, 2007). Assim, as atividades de educação e saúde do programa ocorrem nos territórios definidos, segundo a área de abrangência da Estratégia de Saúde da Família (ESF), tornando possível a criação de núcleos e ligações entre saúde e educação (escolas, centros de saúde, área de lazer como praças e ginásios esportivos, entre outros).

A educação em saúde representa um significativo facilitador para a compreensão e capacitação acerca de problemáticas de saúde, contribuindo para a promoção da saúde da mesma (Paiva, 2012). Para tal, é imprescindível que seja incentivada e realizada de maneira efetiva nos espaços escolares. Neste contexto, a educação em saúde está relacionada com o ensino e aprendizagem de assuntos e temas relacionados a saúde de uma forma contextualizada com a realidade dos sujeitos (Marinho; Silva, 2018). Assim, tendo em vista que cada comunidade possui uma realidade distinta, ressalta-se a importância de considerar os problemas locais para planejar as ações, a fim de que as ações sejam efetivas na promoção de saúde da população.

Contudo, em virtude do caráter intersetorial, a sua efetiva operacionalização ainda é um desafio, visto que articular os setores envolvidos no desenvolvimento de ações permanentes e integrais de educação em saúde continuam como necessidade de serem superadas no cotidiano do PSE. Neste sentido, a realização de estudos sobre o PSE é importante no intuito de estimar o rumo das estratégias adotadas para favorecer a ação intersetorial nos territórios e o seu alcance na promoção da saúde da comunidade escolar. Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar se o planejamento das ações do PSE no município de Uruguaiana-RS leva em consideração as problemáticas de saúde locais, a partir da percepção de seus atores envolvidos no processo – membros do grupo gestor, profissionais da saúde e professores.

## Metodologia

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, transversal e descritiva. As pesquisas de abordagem qualitativa possibilitam entender, descrever e interpretar fatos. O estudo transversal consiste na coleta de dados em um determinado momento no tempo para investigar a presença de um comportamento ou característica de uma população. Já as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2019).

O critério de seleção da amostra foi por conveniência (não-probabilístico), no qual foram convidados a participar da pesquisa, os membros do grupo gestor do PSE, bem como enfermeiros atuantes com o programa nas ESF e professores que atuam com o PSE nas escolas, selecionados com um tempo mínimo de três anos de atuação no programa. Após esse critério de inclusão, foram mapeados os sujeitos que estavam aptos a participar do estudo, e foram enviados convites aos mesmos, acerca da sua participação. Como critérios de exclusão, estavam os sujeitos em férias, bem como em período de afastamento de suas atividades nos últimos seis meses. O estudo foi autorizado pela coordenação do PSE no município de Uruguaiana/ RS, e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pampa, através do número 3.704.100, CAAE 24278219.8.0000.5323. Todos os participantes que estavam de acordo em participar da pesquisa, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, concordando voluntariamente com a sua participação no estudo. Assim, participaram do estudo sete membros do Grupo de Trabalho Intersetorial (GTI), oito enfermeiros e oito professores de escolas públicas do município de Uruguaiana-RS, totalizando 23 participantes.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, o estudo ocorreu em duas etapas, assim sendo:

- Etapa I – Entrevista semiestruturada com os membros do GTI do PSE: Nesta etapa, foi realizada uma entrevista semiestruturada junto aos membros do GTI do PSE, com questões relacionadas ao desenvolvimento das ações intersetoriais do PSE no município, aspectos positivos e negativos do programa, tendo como base o estudo de Ferreira *et al.* (2014);

- Etapa II – Entrevista semiestruturada com os enfermeiros das ESF e professores multiplicadores do PSE nas escolas: Nesta etapa foi realizada uma entrevista semiestruturada aos enfermeiros do PSE nas ESF, bem como aos professores atuantes com o programa nas escolas, questionando-os sobre suas percepções acerca das problemáticas de saúde locais, se o planejamento das ações propostas pelo PSE levava em consideração tais problemáticas, bem como possibilidades e estratégias de como tornar o programa mais efetivo. Este instrumento foi construído pelos pesquisadores, de forma a responder à questão central do estudo.

As entrevistas foram realizadas nos meses julho a novembro de 2022, por meio de vídeo chamada, através da plataforma Google Meet. As mesmas foram gravadas, utilizando o recurso de gravação da própria plataforma, e posteriormente transcritas para análise.

Para análise dos dados das entrevistas utilizou-se como principal aporte metodológico a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Para tanto, inicialmente realizou-se as transcrições das entrevistas e, seguindo as etapas sugeridas por Bardin (2011), realizou-se a pré-análise do material transcrito, através da leitura flutuante. Em seguida, foi realizada a exploração do material, com a identificação e a segmentação do conteúdo, agrupando-os através da análise categorial, conforme contexto semântico. Por fim, realizou-se as inferências e a interpretação dos dados com base na literatura. Para preservar a identidade dos participantes utilizou-se pseudônimos, sendo que, para se referir as professoras utilizou-se uma convenção composta pela letra “P” acompanhada de uma numeração, como por exemplo: P1, P2, ..., P8. As enfermeiras foram nomeadas pela letra “E” seguida da numeração de 1 a 8. Para os membros do GTI, utilizou-se “GTI”, seguida da numeração 1 a 7. Ademais, os excertos dos sujeitos são apresentados no texto com recuo de 4cm, em itálico e fonte 10.

## Resultados e discussões

Foram incluídos oito enfermeiros, a maioria do sexo feminino (87,5%), todos com pós-graduação, tempo de multiplicador de 8,3 anos (tempo mínimo de cinco anos e máximo de 15 anos), e tempo de atuação como multiplicador na escola atual de quatro anos (tempo mínimo de dois anos e máximo de sete anos). Ademais, foram incluídos oito professores, a maioria do sexo feminino (87,5%) e com pós-graduação (75%), tempo de multiplicador de 12,62 anos (tempo mínimo de oito anos e máximo de 15 anos), e tempo de atuação como multiplicador na escola atual de 9,25 anos (tempo mínimo de quatro anos e máximo de 15 anos). Quanto ao grupo gestor, sete membros participaram da pesquisa, e as características gerais do GT em relação às ações do PSE no município estão presentes no quadro 1.

Quadro 1 - Características gerais do GT em relação às ações do PSE no município sob o olhar da equipe coordenativa

Constituição do Grupo gestor	- 02 enfermeiros, 02 psicólogos - representando Secretaria da Saúde do município; - 02 professores - representando a 10ª Coordenadoria Regional de Educação e a Secretaria Municipal de Educação; - 01 professora - representando a Universidade Federal do Pampa
Reuniões do GT	- Mensalmente e conforme as demandas apresentadas
Competências do GT	- Organização do fluxo e dos temas a serem trabalhados; - Realização do acompanhamento em relação ao trabalho conjunto da saúde com a educação no município
Capacitação dos profissionais para atuação no PSE	- A capacitação dos profissionais da saúde e da educação ocorrem de forma sistemática no município
Implantação do PSE no município	- Desde a sua criação (2007)
Nível de abrangência do PSE no município	- 100% das escolas municipais e estaduais do município
Monitoramento das ações do PSE	- Todas as atividades do PSE realizadas nas escolas são registradas no sistema, incluindo o número de estudantes atingidos, as ações e temas abordados no contexto escolar; - O acompanhamento também é abordado nas reuniões mensais do PSE junto aos multiplicadores

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Quanto aos principais problemas de saúde, percebidos na comunidade em que atuam, grande parte dos enfermeiros descreveu as questões de saúde mental (75%), seguido da drogadição (37,5%), conforme pode ser observado no quadro 2.

Quadro 2 - Percepção dos enfermeiros sobre os principais problemas de saúde encontrados em sua comunidade

<b>Categoria</b>	<b>N (%)</b>	<b>Exemplos de extratos das respostas</b>
Saúde mental	6 (75%)	E2 “Bom, os principais problemas de saúde que a gente visualiza, hoje, é a questão mental. A questão das crianças que têm ansiedade em função da pandemia e elas têm muito medo, medo às vezes de estar socializando, medo da doença, às vezes tem até crianças que ficam com síndrome do pânico...” E6 “...atualmente de mais urgente é a parte de saúde mental que eu vejo que estão bem carentes disto de uma atenção voltada para a saúde mental.” E7 “...saúde mental, todos os transtornos psíquicos desde transtorno de humor, as esquizofrenias inclusive tem agora uma equipe ali na ponte que nós temos uma paciente deficiente auditiva e ela está tentando se jogar da ponte e não é a primeira vez que isso acontece”.
Drogadição	3 (37,5%)	E 8: “...dependência química...”
Outros (violência, gravidez na adolescência, problemas de higiene)	3 (37,5%)	E1 “Hoje o problema principal é o alto número de gestantes, sendo muitas adolescentes...” E 4 “Já foi observado problemas de higiene, de agressões verbais e físicas...”

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Não obstante, a maior parte dos professores destacou as questões de saúde mental (87,5%). Em seguida, aparecem questões de vulnerabilidade social (50%), conforme mostrado no quadro 3.

Quadro 3 - Percepção dos professores sobre os principais problemas de saúde encontrados em sua comunidade

<b>Categoria</b>	<b>N (%)</b>	<b>Exemplos de extratos das respostas</b>
Saúde mental	7 (87,5%)	P5: “Mais saúde mental. No geral, parando e observando bem é a saúde mental, já vem de família e dificulta o nosso trabalho com as crianças e adolescentes...” P8: “...o que mais aparece e o que mais tem surgido assim na demanda é a questão da saúde mental; é alunas com ansiedade, com síndrome do pânico, aquele choro incessante, aparentemente sem motivo, mas se tem realmente um motivo, então hoje atualmente nós estamos lidando com esta situação à saúde mental.”
Questões de vulnerabilidade social	4 (50%)	P2: “Uma das coisas principais que eu percebo é que as crianças vivem numa área muito vulnerável com uma dificuldade muito grande na questão da alimentação...” P3: “Muitos são acompanhados pela ESF pela questão da saúde debilitada e também pela questão de ser uma escola ribeirinha, eles moram perto da sanga, do rio, quando vem enchente eles precisam sair de suas casas então a questão ambiental é a enchente, o lixo espalhado, a falta de saneamento...”

Outros (Saúde física, higiene, drogadição, gravidez na adolescência, violência doméstica, questões ambientais).	4 (50%)	P6: “Eu trabalho em uma escola rural e percebo muitos problemas de saúde ambiental, porque nossos alunos são muito afetados pelos agrotóxicos na região rural...” P7: “Mas os problemas assim que eu posso elencar é a falta de higiene né, o banho a escovação, eles nem possuem uma escova específica para cada um, individual, seu material de higiene pessoal né! Ah, o corte de unhas assim este problema de higiene pessoal e física assim, o uso de drogas e álcool que causam principalmente problema de aprendizagem né, que a gente vê bastante problemas ali na escola, na comunidade...”
---	---------	---

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Com base nos dados apresentados, é possível inferir que as problemáticas de saúde mental são as mais percebidas em seu meio, tanto pela percepção dos enfermeiros, quanto pela dos professores. Essas percepções vão ao encontro de vários estudos atuais que evidenciam o crescimento de problemas relacionados com a saúde mental de crianças e jovens, como por exemplo, o estudo de Ribeiro *et al.* (2020). Esses autores evidenciaram uma prevalência geral de transtornos mentais comuns de 17,2%, demonstrando maior prevalência para as meninas e para adolescentes advindos de tratamento de doenças crônicas. Ainda, os autores destacam que a prevalência de depressão e ansiedade é maior entre os adolescentes mais velhos, o que pode estar relacionado com a fase de maior carga de ansiedade devido à busca pela identidade, escolha profissional e inserção no mundo adulto.

De forma complementar, estima-se que no Brasil, os transtornos depressivos e ansiosos correspondem, respectivamente, pela quinta e sexta causa de anos de vida vividos com incapacidade (GBD, 2016). Corroborando com esses indicadores expressivos, o estudo de Souza *et al.* (2023) retrata que houve um aumento significativo de problemas de saúde mental em crianças e adolescentes nos últimos anos, especialmente ao considerar a pandemia de Covid-19, que intensificou o surgimento de questões relacionadas a temática. Segundo os mesmos autores supracitados, os transtornos mentais representam hoje um dos principais desafios na agenda de saúde, tanto de países desenvolvidos como de países em desenvolvimento, constituindo um ônus importante para os serviços públicos. Esses estudos denotam a importância do fomento de ações intersetoriais de promoção à saúde mental desde a infância, no contexto escolar.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2014), os principais fatores de risco envolvidos na incidência de transtornos mentais estão relacionados aos determinantes sociais, indicando que as mulheres e os indivíduos que acumulam situações sociais, familiares e ambientais adversas são os que estão sob maior risco (WHO, 2014). Buss e Pellegrini Filho (2007) referem que os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população, são considerados determinantes sociais da saúde. Logo, o indivíduo que se encontra em vulnerabilidade em qualquer um destes fatores, apresenta aumento do risco à saúde e impacta diretamente na sua qualidade de vida (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Corroborando com essas considerações, percebemos que os fatores relacionados à vulnerabilidade social e questões envolvendo a saúde mental foram os aspectos mais frequentemente citados pelos professores no presente estudo, evidenciados através dos excertos, quando questionados sobre os maiores problemas de saúde que são percebidos em sua comunidade. Portanto, as ações de promoção da

saúde mental no contexto escolar devem considerar os determinantes sociais de saúde nos quais a comunidade está inserida, a fim de que as mesmas possam ser mais efetivas nesse contexto.

Cabe destacar que todos os enfermeiros relataram que as ações propostas pelo PSE na escola levam em consideração essas problemáticas de saúde locais. Contudo, alguns destacam algumas barreiras acerca dessa questão, como, por exemplo, a forma de abordagem de alguns temas, que não está sendo eficaz, como o relato do E1, quando diz:

[...] é muito falado sobre prevenção e gravidez na adolescência, porém infelizmente não está sendo eficaz (E1).

Ademais, alguns enfermeiros destacam que, como os problemas da comunidade são muitos, fica difícil somente o PSE conseguir abordar tais problemáticas em sua totalidade:

[...] com o objetivo de prevenção, orientação, a gente alcança. Leva trabalho, oriento, mas já no campo quando já tem aquele problema instaurado, a gente observa uma dificuldade de criar um vínculo principalmente com os adolescentes e de responsabilização da família. Eu já tive um caso assim, que um menino pediu ajuda, porque ele estava se automutilando, pediu ajuda na escola e eu consegui marcar aqui no CAPS e quando chegou na hora da família trazer, a família não trouxe. Ele não foi pedir ajuda na unidade, ele foi pedir ajuda na escola, então eu não consegui fazer aquele vínculo, a família acabou não se envolvendo. Então, o que eu observo as vezes é que quando tem um problema já instaurado, teria que ser uma atividade mais individualizada e a gente tem um pouco de dificuldade de fazer isso (E4).

Um dos enfermeiros, reiterou a importância do trabalho do PSE ao relacionar sua abordagem com a identificação de problemas que podem ser abordados na escola, conforme relato a seguir:

[...] a gente consegue, através do PSE, identificar tanto que é um dos temas a questão da nutrição, das medidas antropométricas, então a gente pega muito a obesidade também a diminuição da acuidade visual, tentativas de suicídio e de ação suicida quando a pessoa tem apenas a ideia (ideação) ou já cometeu a tentativa. Outra coisa que a gente vê bastante também é a questão ambiental, o grande número de cachorros, e a nossa unidade possui dois veterinários que fazem com certa frequência a visitação nas casas todas as sextas-feiras que é o dia do estágio, e eles fazem visitas nas casas com vermifugação e quando necessário algum acompanhamento no hospital veterinário da UNIPAMPA (E7).

Percebe-se que a maioria dos professores (87,5%) relatou que o planejamento das ações propostas pelo PSE na escola leva em consideração essas problemáticas de saúde locais. Analisamos, em alguns relatos, a importância da parceria da escola com a ESF na resolução das demandas vivenciadas pela escola, conforme o relato a seguir:

Sim, com certeza. Até porque a gente participando das reuniões mensais a gente leva né, as situações da escola lá para o grupo, então através desse levantamento que a gente acaba levando ali para o grupo, vem essas demandas e a própria organização do PSE vai suprimindo essas necessidades que nós temos. E ao longo dos anos eu pude ver a parceria da escola e saúde assim, a crescente que teve de a saúde estar presente no dia a dia da nossa escola. E eles conhecerem nossos alunos, estarem aqui para gente poder fazer encaminhamentos direto para o posto do nosso bairro. A gente começar com a questão da saúde muito de perto e isso quem promoveu foi através do PSE (P3).

Contudo, alguns destacam algumas barreiras acerca dessa questão, como, por exemplo, a falta de comunicação e divulgação das ações entre a ESF e a escola, conforme o relato:

É isto que eu estou falando, assim, na questão de que muitas ações que elas fazem dentro da escola eu não fico sabendo assim, até porque é em períodos inversos, não chego a saber nem o que foi tratado, eu sei às vezes que elas estão na escola porque eu até as vejo né... não é uma coisa que todos estão sabendo daquela atividade, daquela ação, então eu acho boa parte assim, elas estão complementando estas atividades né (P7).

Tais barreiras enfrentadas pelos professores do presente estudo também corroboram com o encontrado em outros trabalhos, como o de Gonçalves, Ferreira e Rossi (2022). Esses autores apontam que existem fragilidades nas relações de parceria entre os agentes, na percepção do objeto de trabalho pelos profissionais, predominantemente, como identificação de doenças e saber clínico preponderante em relação ao saber da saúde coletiva. Com base nesses aspectos, ressalta-se a importância de considerar os determinantes sociais de saúde e, conhecer o contexto na qual se insere, no que tange principalmente, as problemáticas de saúde da população assistida (Gonçalves; Ferreira; Rossi, 2022). Neste sentido, Rumor *et al.* (2022) também reforçam a importância de o PSE considerar a dimensão escolar e social, bem como, o diagnóstico de saúde do estudante.

Os mesmos autores supracitados, evidenciam que as ações de saúde aproximaram os agentes, mas ainda apresentaram práticas hegemônicas, desarticuladas, setoriais, focadas na doença e executadas, principalmente, por meio de palestras (Gonçalves; Ferreira; Rossi, 2022). A literatura aponta que o PSE, embora tenha sido instituído em 2007, ainda encontra barreiras para que seja explorada na integridade da proposta, devido a fatores relacionados a recursos materiais, financeiros, humanos, entraves do cotidiano dos profissionais, desconhecimento sobre o programa e problemas de comunicação entre profissionais e setores (Medeiros *et al.*, 2018; Vieira; Belisário, 2018; Rumor *et al.*, 2022), aspectos estes que corroboram com as barreiras apontadas pelos enfermeiros e professores participantes deste estudo.

Quanto ao grupo gestor, todos os sete integrantes, (100%), responderam que o planejamento das ações do PSE leva em consideração as demandas locais de saúde, considerando indicadores do município, realidades distintas com seus respectivos problemas de saúde, conforme os relatos a seguir.

[...] a gente trabalha muito com os indicadores dentro do município principalmente voltados para a questão de gravidez na adolescência, de infecções de doenças sexualmente transmissíveis, a questão do bullying, a questão de saúde mental (GTI2).

[...] tudo que embasa esse planejamento de ações é a realidade vivenciada na grande maioria dos territórios, então hoje a gente tem uma equipe multidisciplinar nas ESF com o trabalho dos agentes comunitários, a gente consegue fazer perfis dessa população adstrita neste território, e isso, conseqüentemente, ajuda a trilhar esses objetivos, então, por exemplo, eu tenho mais dependentes químicos naquele território, ou eu tenho mais gravidez na adolescência, ou tabagismo, uso de droga, enfim, diversas temáticas, e isso faz com que a gente possa direcionar esses temas, então focalizar mais e ser mais objetivo (GTI5).

Assim tem as 12 ações e todas são realizadas, vai realizando de acordo com a necessidade que vem acontecendo no município, agora mesmo, o Covid, muitas pararam, muitas ações não foram feitas pois o Covid era mais importante, então muitas eram feitas de acordo com a necessidade que existe (GTI6).

Teve uma época que a cidade estava vivendo um surto do mosquito Aedes, aí então nós fizemos uma campanha maior na escola, trabalhamos mais pois era um problema emergente, quando é um problema emergente na cidade se trabalha mais aquela ação (GTI7).

Quando questionados sobre possíveis estratégias para que o PSE se tornasse mais efetivo, grande parte dos enfermeiros, (50%), destacou a relevância de redes de apoio, seja com a escola, profissionais da saúde, e universidade (quadro 4).

Quadro 4 - Percepção dos enfermeiros quanto as possibilidades de o Programa Saúde na Escola ser mais efetivo

<b>Categoria</b>	<b>N (%)</b>	<b>Exemplos de extratos das respostas</b>
Necessidade de redes de apoio (escola, universidade, profissionais da saúde)	4 (50%)	E4: “Esse eu acho que alguns assuntos específicos, principalmente esse da saúde mental, eles deveriam ser trabalhados por outros profissionais também. Não só lá na ESF. Para ter uma abordagem mais ampla, mais específica, tipo a saúde mental, caso de drogas, de ter um atendimento, um trabalho com psicólogo, psiquiatra. Eu acho que seria mais efetivo do que só a gente ali na unidade, que as vezes a gente não consegue ter essa coisa mais focada, mais específica, né. Então eu acharia que teria que ter uma equipe mais multidisciplinar, mais focada nessa parte da saúde mental, que é o que eu encontro mais dificuldade de trabalhar”. E8: “Quando temos o apoio da escola, conseguimos fazer um trabalho melhor e atingir a todos da família, além disso o fato dos alunos da UNIPAMPA irem até a escola ajuda no entendimento dos adolescentes”.
Maior flexibilidade para abordar as temáticas necessárias	2 (25%)	E3: “Eu acho que essas ações não deveriam vir, claro que tem umas que a gente percebe que há uma necessidade de informação pró município, escolas precisam, as crianças precisam dessas informações, mas eu acho que a gente tinha que deixar um pouco mais livre para a escola escolher como nós tivemos o caso dessa (escola) que a escola pudesse escolher conforme a necessidade dos alunos, porque existe muitas ações que a gente leva para cumprir, não que se percebe que a escola esteja precisando porque por experiência os professores estão sempre solicitando algo mais que inclusive não faz parte das 12 ações que foi oferecida, foi protocolado/determinado que temos que cumprir então a gente trabalha as ações e sempre algo mais por necessidade da escola”.

<p>Outros (Metodologias de abordagem das temáticas, Melhor relação intersetorial)</p>	<p>2 (25%)</p>	<p>E6: “Saindo das palestras aquela coisinha de ir lá com os slides montados, ler slides para os alunos então essa coisa a gente tem que sair tem que parar com isso, isto não está tendo resultados, eles não querem ler slides, não querem ouvir slides eu acho que essa dinâmica/didática que estão usando não está mais atendendo essa população, os alunos das escolas que nós vamos eles querem eles falar sobre os assuntos então a gente tem que parar com essa didaticazinha de palestra/slides e fazer alguma coisa que chama atenção deles também deixando que os alunos falem, hoje se a gente utilizar uma roda de conversa as coisas tem muito mais abrangência, o aluno fixa mais com uma roda de conversa porque ele vem com a vivência dele que tem no seu dia a dia e nós vamos com a parte teórica mais correta/formal...”</p> <p>E2: “Eu acho que para ser mais efetiva, a escola e a saúde têm que ter um entrosamento maior. Porque, como eu já passei por algumas unidades, eu observo que tem escolas que elas estão bem ligadas à sua unidade do bairro, por exemplo. E que recebem a saúde e que a gente consegue fazer os programas, consegue fazer todas essas atividades. Algumas escolas a gente tem uma deficiência, ou é porque a gente não consegue conservar com o próprio multiplicador ou multiplicador nunca está naquele horário que a gente combina. Então, eu vejo nesse sentido, no sentido de a escola ficar mais junto da saúde. E isso não é em todos os lugares, é em alguns lugares que a gente vê essa deficiência”.</p>
---	----------------	---

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em relação aos professores, quando questionados sobre possíveis estratégias para que o PSE se tornasse mais efetivo (quadro 5), grande parte dos professores, (37,5%), destacou a relevância de redes de apoio, por meio de profissionais da saúde e demais entidades do município.

Quadro 5 - Percepção dos professores quanto as possibilidades de o Programa Saúde na Escola ser mais efetivo

Categoria	N (%)	Exemplos de extratos das respostas
<p>Necessidade de redes de apoio</p>	<p>3 (37,5%)</p>	<p>P1: “A questão principal é o sistema, faltam médicos, fonoaudiólogas, psicólogo, oftalmologista entre outros”.</p> <p>P5: “Com mais recursos humanos mesmo, esse ano eu tive a alegria de conseguir dois projetos para visão e foram na escola, fizeram o teste visual e já deram encaminhamento para consulta e pelo projeto LIONS doaram óculos, são famílias muito carentes, no total foram 22/23 famílias...”</p>
<p>Maior vínculo com a ESF</p>	<p>2 (25%)</p>	<p>P4: “...como eu trabalho com adolescente, eu encaminho para exames preventivos, encaminho demandas de gravidez na adolescência. Tem muitas meninas e meninos que me procuram para usar métodos contraceptivos. Também tem um caso grave de uma menina com IST. Então o que faz falta mesmo é mais união da parte da saúde, porque eu sei que tem que trabalhar dentro da escola, mas os nossos horários não estão combinando para fazer um trabalho mais efetivo...”</p>
<p>Participação e conscientização da família</p>	<p>2 (25%)</p>	<p>P8: “...mas eu vejo que seria muito importante também nós conseguirmos realizar o trabalho com a comunidade em si e com as famílias, porque o jovem, eles recebem esta informação ne? Eles recebem, mas assim, até transformar esta informação em conhecimento é todo um processo que leva tempo e maturidade, e eu acredito assim, se nós pudéssemos ampliar, além de multiplicar, além de dentro da escola para os jovens, mas também de poder fazer para as famílias, porque eu sinto assim principalmente após pandemia. Eu sinto que as famílias estão um pouco perdidas com relação a questão mesmo de limites a questão de regras em casa, então isto tudo vai refletir na saúde...”</p>

Outros	3 (37,5%)	P6: “Eu considero que da maneira como estamos fazendo atualmente está atendendo porque a gente tem a nossa assistência, nossa SEMED e também do grupo gestor do PSE que nos dá todo auxílio e subsídio que quando a gente precisa. Estamos conseguindo atender nossos alunos com diversos trabalhos nesse sentido. Professores outros que não são do PSE mas estão engajados nessa temática”
--------	-----------	--

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Evidencia-se no contexto do presente estudo, que ambos os atores – enfermeiros e professores – atuantes no PSE, indicaram a relevância de redes de apoio para que o PSE seja explorado em todo seu potencial e se torne mais efetivo no município. Esse aspecto deve ser considerado, visto que Rumor *et al.* (2022), destacaram em seu estudo, como potencialidades do programa, que deve haver, principalmente, a parceria com outros setores e a criação de vínculos com a comunidade escolar, além de aspectos relativos ao acompanhamento das condições de saúde dos escolares e à ampliação do acesso à informação.

Não obstante, Brasil *et al.* (2017) reiteram a importância de redes de apoio com outros setores para as ações do PSE serem mais efetivas. Segundo os autores, embora a escola, ainda pareça ser o ambiente mais favorável para ações de promoção da saúde para os adolescentes, parcerias e ações intersetoriais são mais efetivas quando dialogam com a pluralidade de atores institucionais e não institucionais envolvidos e interessados. Com isso, entende-se que, para além da aproximação entre saúde e educação, mediante políticas específicas, é necessária a ampliação para outros setores, como os de formação dos profissionais que atuam nestes locais.

Quando os integrantes do grupo gestor foram questionados quanto às facilidades do trabalho intersetorial do PSE, as duas categorias que mais emergiram, com 42,85% cada, foram as relacionadas às características do próprio GTI, e a integração / comprometimento dos profissionais da saúde e da educação envolvidos com as ações do PSE (quadro 6).

Quadro 6 - Percepções dos integrantes do GTI quanto aos aspectos positivos do PSE

<b>Categoria</b>	<b>N (%)</b>	<b>Exemplos de extratos das respostas</b>
Características do GTI	3 (42,85%)	GTI3: “As facilidades eu diria que é um trabalho que sempre funcionou muito bem né, o grupo gestor sempre foi intersetorial desde que foi constituído poucas pessoas alteraram né, mudaram, da composição do grupo gestor e sempre funcionou bem no sentido de reuniões, planejamento, de execução, de avaliação do projeto, do programa...”
Comprometimento dos profissionais da educação e saúde nas ações	3 (42,85%)	GTI2: “Eu acho que fundamentalmente é uma boa relação entre a educação e a saúde e que isso a gente vem de uma longa caminhada com o município” GTI5: “Eu acho que as principais facilidades que a gente tem atualmente e se teve no transcórrer de todo esse programa no município de Uruguaiana é pelo fato do engajamento das pessoas, da responsabilidade dos sujeitos envolvidos, ou seja, tanto do que tange aos profissionais da saúde como os profissionais de educação que eles trabalham integrados e com objetivos comuns, que é a saúde na escola.”

Número de ESFs no município	1 (14,3%)	GTI6: “Olha eu acho que o que é importante pra nós, que facilita o nosso trabalho é o número de ESF que nós temos em Uruguaiana, porque cada escola tem a sua ES, cada escola trabalha com a sua ESF, então tem o mapeamento de toda cidade com todas as escolas, então este mapeamento facilita e as escolas trabalham diretamente com as coordenadoras, enfermeiras, coordenadoras das estratégias...”
-----------------------------	-----------	--

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Quanto às possíveis barreiras, grande parte do GTI (42,85%) descreveu a falta de comunicação entre os atores – da saúde e da educação, envolvidos no processo, conforme visualizado no quadro 7.

Quadro 7 - Percepções dos integrantes do GTI quanto aos aspectos negativos do PSE

<b>Categoria</b>	<b>N (%)</b>	<b>Exemplos de extratos das respostas</b>
Falta de comunicação entre os profissionais	3 (42,85%)	GTI5: “A dificuldade que eu observo muitas vezes é a comunicação e forma de compreensão das pessoas, das temáticas, dos problemas e das soluções desses porque o que hoje em dia fragiliza é a forma de se comunicar então eu evidenciei isso neste momento.”
Substituição de profissionais	2 (28,6%)	GTI2: “as trocas tanto de multiplicadores da área da educação tanto dos profissionais da área da saúde e isso muitas vezes acaba dificultando a continuidade do trabalho porque aí vai ter que se investir novamente em capacitação, conseguir repassar todas as informações para esse novo profissional para que ele toque esse trabalho dentro da escola e dentro da sua unidade de saúde então essa é uma dificuldade que a gente vem encontrando...”
Outros	2 (28,6%)	GTI7 “eu acho que talvez seja um pouco negativa é a questão das articulações políticas ne, que como nós somos políticas públicas, nós somos resultado desta política pública que é o PSE muitas vezes a gente vê que ao longo do tempo as vezes a política pública, o PSE tem altos e baixos, as vezes está em alta nas ações as vezes tá em baixa...”

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Corroborando com os achados do presente estudo, autores elencam como uma das dificuldades relacionadas à implementação do PSE, a falta de comunicação e, muitas vezes a desarticulação entre os setores envolvidos. Tal fato se deve a motivos diversos, como atividades excedentes para professores e profissionais da saúde, a troca constante de profissionais por consequência dos contratos temporários e condições de trabalho, sendo estas questões consideradas impedimentos para o planejamento e a efetivação das ações do PSE (Brasil *et al.*, 2017).

Em suma, sugere-se que os elementos apresentados constituem barreiras significativas em relação ao desenvolvimento das ações do PSE, e, conseqüentemente, sua efetividade. Nesse aspecto, entende-se que a articulação entre a saúde e a educação é fundamental para fortalecer a intersetorialidade e melhorar a gestão, sendo que a conexão entre os setores precisa ser intensificada, de forma a contribuir na atuação dos profissionais dentro de todas as ações do programa, bem como, as equipes precisam estar em sintonia para implementar com êxito as políticas públicas nas escolas por meio da educação em saúde.

## Considerações finais

Considerando os resultados apresentados no presente estudo, foi possível concluir que os profissionais atuantes no PSE do município, enfermeiros e professores, percebem as questões relativas à saúde mental como as problemáticas de saúde mais significativas em sua realidade local. Ainda, consideram que o planejamento das ações propostas pelo programa leva em consideração as problemáticas de saúde locais.

Contudo, algumas barreiras são identificadas por esses profissionais na aplicabilidade prática das ações do PSE, como a forma de abordagem de alguns temas, a dificuldade de o PSE contemplar todas as problemáticas de saúde da comunidade, devido à complexidade da realidade local, e a falta de articulação/ comunicação das ações entre a ESF e a escola. Ademais, os profissionais reiteram a necessidade de fomentar redes de apoio como um suporte para o desenvolvimento das ações do PSE, a fim de minimizar tais barreiras encontradas e aumentar a efetividade do programa.

Com base nesses aspectos, concluímos que as ações propostas pelo PSE levam em consideração as problemáticas de saúde locais, porém os atores envolvidos com o processo consideram que existem barreiras em relação a esse trabalho, que devem ser revistas a fim de que a execução das ações se dê de forma mais efetiva no contexto escolar.

## Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**: edição revisada e ampliada. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola – PSE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 2,6 dez. 2007.
- BRASIL, E. G. M.; SILVA, R. M.; SILVA, M. R. F.; RODRIGUES, D. P.; QUEIROZ, M. V. O. Adolescent health promotion and the School Health Program: complexity in the articulation of health and education. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, p. e03276, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2016039303276>. Acesso em: 22 out. 2023.
- BUSS, P. M.; HARTZ, Z. M. de A.; PINTO, L. F.; ROCHA, C. M. F. Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 12, p. 4723-4735, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.15902020>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 17, p.77-93, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>. Acesso em: 10 set. 2022.
- CARVALHO, F. F. B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, n. 25, v. 4, p. 1207-1227, 2015.

FERREIRA, I. R. C.; MOYSÉS, S. J.; FRANÇA, B. H. S.; CARVALHO, M. L. de; MOYSÉS, S. T. Percepções de gestores locais sobre a intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 56, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000100004>. Acesso em: 20 out. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

Brazil Collaborators. Burden of disease in Brazil, 1990-2016: a systematic subnational analysis for the Global Burden of Disease Study. **Lancet** **2018**, v. 392, p. 760-75, 2016.

GONÇALVES, P. D. S.; FERREIRA, S. C.; ROSSI, T. R. A. Uma análise do processo de trabalho dos profissionais da saúde e educação no PSE. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. Especial 3, p. 87-102, nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E306>. Acesso em: 03 out. 2023.

LOPES, I. E.; NOGUEIRA, J. A. D.; ROCHA, D. G. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 118, p. 773-89, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/SNsdFnbvBdfdhn76GQYGDtM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

MALTA, D. C.; REIS, A. A. C.; JAIME, P. C.; NETO, O. L. de M.; SILVA, M. M. A. da; AKERMAN, M. O SUS e a Política Nacional de Promoção da Saúde: perspectiva resultados, avanços e desafios em tempos de crise. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 1799-1809, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9mXFmz3J8Y4qjbbKgk8VVVq/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. Os modos de estruturação da Educação em Saúde na escola. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 3, p. 711-731, 2018. Disponível em: [http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC\\_17\\_3\\_10\\_ex1340.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_3_10_ex1340.pdf). Acesso em: 22 out. 2023.

MEDEIROS, E. R.; PINTO, E. S. G.; PAIVA, A. C. S.; NASCIMENTO, C. P. A.; REBOUÇAS, D. G. C.; SILVA S. Y. B. Facilidades e dificuldades na implantação do Programa Saúde na Escola em um município do nordeste do Brasil. **Revista Cuidarte**, Bucaramanga, v. 9, n. 2, p. 2127-34, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v9i2.514>. Acesso em: 11 ago. 2022.

PAIVA, G. M. **Análise do programa saúde na escola do município de Fortaleza**. 2012. 142f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2012.

RIBEIRO, IBS. CORREA, MM. OLIVEIRA, G. CADE, NV. Transtorno mental comum e condição socioeconômica em adolescentes do Erica. **Revista Saúde Pública**, v. 54, n. 4, p. 01-09, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2020054001197>. Acesso em: 03 out. 2023.

RUMOR, P. C. F.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; SOUZA, J. B.; MANFRINI, G. C.; SOUZA, J. M. Programa Saúde na Escola: potencialidades e limites da articulação intersetorial para

---

promoção da saúde infantil. **Saúde Debate**, Rio De Janeiro, v. 46, n. Especial 3, p. 116-128, nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E308>. Acesso em: 04 out. 2023.

SOUZA, M. S.; SOUSA, M. R. N.; SILVA FILHO, E. A. da; SOUSA, Y. A. S.; SOUSA, A. M. C.; SILVA, E. B. da; NASCIMENTO, I. G. do; SOARES, M. das G. S.; PRADO, T. M.; AGUIAR, C. S. de. Repercussões da pandemia Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Journal of Education Science and Health**, v. 3, n. 1, p. 01–12, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.52832/jesh.v3i1.162>. Acesso em: 22 out. 2023.

VIEIRA, L. S.; BELISÁRIO, S. A. Intersetorialidade na promoção da saúde escolar: um estudo do Programa Saúde na Escola. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 120-133, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S409>. Acesso em: 11 ago. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Calouste Gulbenkian Foundation. **Social determinants of mental health**. Geneva: World Health Organization; 2014.